

Falando sobre economia a partir de “As Vinhas da Ira”¹

*Paulo Reis Mourão*²

Casey said An' Almighty God never raised no wages

Introdução

Cem anos depois do nascimento de John Steinbeck, encontramos muitas manifestações que pretendem marcar o evento. Alertado por algumas dessas manifestações, decidi reler um das criações literárias mais populares do vigésimo século, assinada pelo Prêmio Nobel de 1962. Mas, depois de uma leitura crítica pessoal de “As Vinhas da Ira”, achei que havia, igualmente, elementos que poderiam ser usados para ilustrar alguns pontos temáticos das minhas aulas de Economia para o curso de Comunicação Social da Universidade do Minho (Portugal).

Os estudantes do curso de Comunicação Social revelam um fundo intelectual interessante em áreas relacionadas com a Literatura, com o universo da Comunicação, com a Filosofia ou com a Semiótica, por exemplo. Porém, áreas apoiadas pela Matemática ou pela Estatística têm uma boa probabilidade de provocar aversão nos estudantes devido à falta de preparação específica. Numa tentativa de remover essa “idéia predeterminada”, planeei aulas que pudessem estimular a curiosidade intelectual dos estudantes e que pudessem facilitar a aprendizagem de conceitos e realidades que, sem dúvida, seriam novos para a maioria deles. Ao mesmo tempo, pretendi manter o rigor esperado, essencial para os futuros homens e mulheres que trabalharão em jornais, em rádio ou em estações televisivas ou nos gabinetes de imprensa de organizações privadas ou públicas.

Nessa seqüência, estudei alguns títulos conhecidos mundialmente, alguns abordados pelos estudantes universitários de Comunicação Social, como parte de outras disciplinas. Por exemplo, também falamos sobre as preferências de Sammy (do livro *What makes Sammy run?*) e sobre os conceitos particulares de utilidade social, extremamente caricaturados por Budd Schulberg, sobre o papel da Moeda em *O Mercador de Veneza*, de William Shakespeare, ou a temática do Desenvolvimento Econômico Regional presente em *Os Cachos e as Mãos*, de Paulo Reis Mourão. Mas não pudemos esquecer o trabalho citado de Steinbeck, meritório de um tratamento mais específico da Economia do Trabalho, que também permitiu uma introdução interessante das leis de mercado e suas imperfeições (exploração de trabalhadores, informação assimétrica ou união sindical).

Esse recurso no ensino não é recente, foi proposto por muitos autores acadêmicos, como Kish-Goodling (1998). Com esse autor, podemos declarar:

Often literary works reflect our economic life more accurately than today's economic statistical techniques and mathematical models.

Finalmente, este trabalho não pretende ser uma contribuição de novas técnicas de como ensinar Economia, mas pretende lembrar que “As Vinhas da Ira” é um retrato excelente de uma era dramática que não podemos esquecer. Foi um período que promoveu

(1) Trabalho recebido em novembro de 2004 e aprovado em outubro de 2005.

(2) Docente do Departamento de Economia da Escola de Economia e Gestão da Universidade do Minho, Portugal. Url: <<http://www.eeg.uminho.pt/economia/paulom>>. E-mail: paulo_r_mourao@portugalmail.pt.

mudanças profundas nas estruturas sociais, na economia internacional e na distribuição demográfica dos Estados Unidos da América. O livro também funcionou como uma boa base para discutir um momento particular da História do Pensamento Econômico, especificamente, com respeito ao papel do governo na perspectiva clássica e na visão keynesiana e sua importância na Grande Depressão. No entanto, temos a consciência de que foca prioritariamente a perspectiva possível a partir da Economia do Trabalho, pois Steinbeck, no capítulo 14, a ela se refere de um modo implícito:

They strike at big government, labor unity – the causes are simple. Mass has a need to live and to work for a purpose.

A estrutura deste artigo é a seguinte: a seção 1 apresenta uma síntese dos momentos literários mais importantes de John Steinbeck; a seção 2 enuncia o êxodo que envolve “As Vinhas da Ira”; a seção 3 sugere as razões econômicas que motivam a migração; a seção 4 introduz os movimentos em ação no mercado laboral; a seção 5 é um relato breve sobre o papel de gerir a informação como um bem econômico; a seção 6 sintetiza a discussão ao redor dos sindicatos e a realidade das greves; e a conclusão.

1 Steinbeck, As Vinhas da Ira e a grande depressão

John Steinbeck nasceu em Salinas, uma comunidade californiana rural, no dia 27 de fevereiro de 1902. Cresceu numa família de classe média. Até a década de 1930, aprendeu a apreciar a natureza envolvente da Califórnia; com 14 anos, assumiu que queria ser um escritor e depois estudou na Universidade de Stanford em cursos de Literatura. Mas, depois de 1929, deixou Stanford e foi para Monterey, onde começou a focar os fazendeiros desapontados, trabalhadores e suas famílias. A consciência dele tornou-se, por esses anos, mais atenta sobre os camponeses com dificuldades. A Califórnia era um estado onde chegavam, a cada dia, milhares de migrantes, principalmente vindos do Leste. O contexto era de pobreza, migração, nomadismo e instabilidade laboral insistente, mas também de modos pragmáticos de sobrevivência, de atos espontâneos de generosidade e de humanismo.

Nos anos 1930, Steinbeck escreveu *In Dubious Battle* (1936), *Of Mice and Men* (1937) e *The Grapes of Wrath* (1939). Com essa trilogia, ele descreveu os tempos duros da Grande Depressão piorados por desastres naturais. As visões dele são uma combinação do realismo de um repórter com a sensação de um homem empenhado. Depois desses títulos, ele ficou conhecido como “o bardo do trabalhador americano” ou “o trovador das pessoas”.

Particularmente, em “As Vinhas da Ira”, são revistos os efeitos do fenômeno econômico da Grande Depressão por uma sagacidade mais funda dos indivíduos e dos grupos. Os Joads podem ser encarados como uma família que, simultaneamente, está procurando trabalho e dignidade. Dignidade esta que parece escapar dia após dia, como a Primavera na Califórnia.

Steinbeck recebeu o Pulitzer Prize para “As Vinhas da Ira”, um livro que vendeu mais de 300 mil cópias anualmente na América durante mais de 60 anos. John Steinbeck morreu seis anos depois de ter sido premiado com o Nobel da Literatura.

2 O êxodo

Durante a Primeira Guerra Mundial (1914-1918), a procura de colheitas americanas sofreu um aumento significativo, especialmente da Europa. Depois de 1918,

persistiu a procura acentuada em produtos agrícolas americanos, até meados dos anos 1920. Naturalmente, essa situação promoveu uma reação da oferta. Assim, os fazendeiros desenvolveram prados nas Grandes Planícies Meridionais para plantar trigo. Quando se principiou a registrar a procura decrescente dos produtos agrícolas americanos, observou-se também o surgimento da deflação (com preços em redução real) deixando os fazendeiros em dificuldades financeiras (Temin, 1994). Em 1934 e 1935, ventos altos e violentas tempestades de pó mataram o trigo plantado e transformaram 150 mil milhas quadradas de terra nas Grandes Planícies Meridionais na "Tigela de Pó" (Dust Bowl). Devido a essas causas, a maioria desses fazendeiros não pôde fazer os pagamentos de crédito e assim os bancos repossuíram a terra. Firms pequenas fundiram-se em grandes propriedades detidas por companhias.

Na seqüência da mecanização dos trabalhos agrícolas, as maiores companhias norte-americanas, na década de 1930, estavam mudando, pouco a pouco, os fazendeiros e as famílias dos lugares de residência. Essas famílias foram forçadas a um êxodo na direção de lugares que oferecessem possíveis alternativas de trabalho, sobretudo para o Oeste (a Califórnia), onde pudessem apanhar frutas e algodão. Essa será a opção dos Joads, uma família de camponeses que nós seguimos, de Oklahoma para a terra prometida da Califórnia. As leis do progresso (apresentadas como causas gerais da situação) são identificadas com os interesses dos bancos (simbolicamente, representadas como um "monstro"). Essas leis do progresso são abstratas, insensíveis e cruéis, como Steinbeck sugere:

Well, the guy that comes aroun' talked nice as pie. 'You got to get off. It ain't my fault.' Well, I says, 'whose fault is it? I'll go an' I'll nut the fella.' It's the Shawnee Lan' an' Cattle Company. I jus' got orders.' 'Who's the Shawnee Lan' an' Cattle Company?' ' It ain't nobody. It's a company.' Got a fella crazy. There wasn't nobody you could lay for (p. 50).

We're sorry. It's not us. It's the monster. The bank isn't like a man (...) The bank is something else than men. It happens that every man in a bank hates what the bank does, and yet the bank does it (...) Men made it, but they can't control it (p. 35).

E assim a família Joad (inicialmente, 12, inclusive uma criança no útero de Rosaharn) dirige-se para o Oeste, seduzida por milhares de folhetos que indicam oportunidades disponíveis de trabalho. Com a terra de origem abandonada, eles começam a jornada.

3 Tantos folhetos

Mas logo a decepção lhes fará reconhecer a realidade. Essa família vai encontrando algumas pessoas que voltam do Oeste. O Pai Joad (Pa) está esperançado que eles encontrarão trabalho, mas é recebido com esgares. Um homem desapontado, cuja esposa e duas crianças tinham morrido na Califórnia, explica-lhes por que tantos folhetos tinham sido distribuídos pedindo trabalhadores, quando os proprietários tinham limitadas necessidades de só algumas centenas:

Maybe he needs two hunderd men, so he talks to five hunderd, an' they tell other folks, an' when you get to the place, they's a thousan' men. This here fella says, 'I'm payin' twenty cents an hour.' An' maybe half a the men walk off. But they's still five hundred that's so goddamn hungry they'll work for nothing but biscuits (...) The more fellas he can get, an' the hungrier, less he's gonna pay (p. 209).

Essa é a realidade mostrada na Figura 1 e na Figura 2 do Apêndice. Os Joads são alguns dos componentes de uma curva de oferta de trabalho. Eles podem oferecer o trabalho a um empregador, debaixo de um preço negociado (salário). Mas quando eles

migraram para um estado receptor, eles reduziram a oferta do estado emissor (curva LO2s, na Figura 1 do Apêndice), pertencendo agora à curva LC2s, na Figura 2 do Apêndice. Naturalmente, estas figuras, extraídas de Elliott (1996), conduzir-nos-iam a outras extrapolações, como o desemprego previsto no país anfitrião, debaixo do pressuposto de que custos de migração seriam compensados através de diferencial de salários (aceitando a afirmação de Harris e Todaro, 1970, de que aquela migração é motivada por salários esperados), e a tendência de convergência de salários que acontece em ambos os países.

Surge também aqui a oportunidade de discussão da relevância deste enfoque, recorrendo a “curvas da oferta e da procura”. Ainda que Sraffa (1930) tivesse observado uma suposta limitação da utilização da perspectiva marshalliana, não podemos ignorar a lucidez com que Robinson (1933) e nesta seqüência a II Escola de Chicago, por exemplo, mostraram a imperfeição da observação de Sraffa e a relevância da posição de Marshall, de onde se generalizou a posição adotada pelo *mainstream* acadêmico hodierno.

Está claro assim que era do interesse dos empregadores a criação de competição entre os trabalhadores disponíveis, pedindo muitos homens, preferencialmente com baixa capacidade de resposta na negociação de preços (salários) – este era o caso das pessoas mais famintas – de modo que, aumentando a oferta de trabalho, os contratantes pudessem reduzir salários e, como nós veremos, aumentar os lucros com menores custos laborais.

4 Um excelente economista anônimo

As forças competitivas que alimentam e reproduzem a situação promovem um baixo nível de salário em algumas áreas como o Hooverville, onde os Joads são recebidos quando chegam na Califórnia. Essas forças são extremamente bem descritas na intervenção do interlocutor de Tom Joad no acampamento federal:

S'pose you got a job a work, an' there's jus' one fella wants the job. You got to pay 'im what he asks. But s'pose they's a hunderd men³ (...) S'pose they's a hunderd men wants that job. S'pose them men got kids, an' them kids is hungry (...) S'pose a nickell'll buy at leas' somepin for them kids (...) Jus' offer 'em a nickell – why, they'll kill each other fightin' for that nickell (p. 269).⁴

O interlocutor jovem, com a própria excitação, descreve o funcionamento da concorrência perfeita entre os agentes da oferta, responsável pela manutenção de preços próximos do nível de equilíbrio. Na situação presente, os salários de equilíbrio estão tocando um nível de subsistência miserável que afeta milhares de famílias (uma primeira aproximação do hiato entre eficiência e equidade).

Ele também explica o dilema de trabalhos sazonais que, debaixo de estudos avançados, poderíamos entender como um tema bom a ser inserido no contexto dos incentivos (mecanismos induzidos que, agindo no mercado, poderiam mudar o resultado esperado se só considerássemos a interação *coeteris paribus* entre oferta e procura). Finalmente, aqui está claro o propósito de atomicidade da oferta de trabalho (constituição

(3) Apreciar Figura 4.

(4) Um exemplo alternativo do equilíbrio de Bertrand presente na negociação encontra-se claramente expresso no período seguinte: “*They had no argument, no system, nothing but their numbers and their needs. When there was work for a man, ten men fought for it – fought with a low wage. If that fella'll work for thirty cents, I'll work for twenty-five. If he'll take twenty-five, I'll do it for twenty. No, me. I'm hungry. I'll work for fifteen. I'll work for food. The kids. You ought to see them. (...) Me, I'll work for a little piece of meat.*” (p. 312-313)

de um monopólio) porque, individualmente, sem qualquer poder de persuasão, um trabalhador é obrigado aceitar as regras de mercado ou a abandonar o jogo:

They's a big (...) of a peach orchard I worked in. Takes nine men all the year round. (...) Takes three thousand men for two weeks when they peaches is ripe. Got to have 'em or them peaches'll rot. So what do they do? They send out handbills all over hell. They need three thousand, an' they get six thousand. They get them men for what they wanta pay. If ya don't wanta take what they pay, goddamn it, they's a thousand men waitin' for your job. (...) When ya get 'em picked, ever' goddamn one is picked. There ain't another damn thing in that part a the country to do. An' them owners don' want you there no more. Three thousand of you (p. 270).

5 Informação e moral hazard na negociação

Informação, por si, é olhada como um bem precioso na procura de oportunidades de trabalho. Assim, é necessário valorizá-la, retê-la ou só distribuí-la dentro do grupo (o caso típico de *Inside Information*).

Fella come through an' he says they's gonna be work up north. (...) this fella says he got a letter from his brother, an' he's on his way. He says not to tell nobody, they'll be too many (...)

- Tom studied him. "Why we gotta sneak away?"

- Well, if ever'body gets there, ain't gonna be work for nobody (p. 286).

Naquele momento, o empregador mediano (alguns deles eram os "pequenos" donos da terra) corria risco nos próprios negócios. Também tinha medo da incerteza dos preços de colheita. Assim, tentava transferir esses riscos para os trabalhadores disponíveis (a reação típica estudada do risco moral, *moral hazard*: um agente evita as conseqüências das ações dele transmitindo-as sobre outro). Essa reação pode ser interpretada como refletindo a instabilidade do momento, evitando a rigidez de contratos escritos que iria, pelo menos, definir salários:

What you payin'? he asked.

- Well, can't tell exactly, yet. Bout thirty cents, I guess.

- Why can't you tell? You took the contract, didn' you?

- That's true, the khaki man said. But it's keyed to the price⁵. Might be a little more, might be a little less (p. 289).

Uma cena ilustrativa de como os acontecimentos escapavam ao controle dos pequenos proprietários das searas é sugerida abaixo. Eles eram convidados a aceitar os preços da terra propostos por entidades administrativas ou pelos bancos que, pouco a pouco, estavam adquirindo as terras:

So last night the member from the bank told me, he said, 'You're paying thirty cents an hour. You'd better cut it down to twenty-five.' I said, 'I've got good men. They're worth thirty.' And he says, 'It isn't that', he says. 'The wage is twenty-five now. If you pay thirty, it'll only

(5) Se se pressupuser que a função de produção de curto prazo se define como $Q=f(L)$ e que o produto marginal do trabalho é representado por $dQ/dL=f'(L)$, então a função lucro de um produtor sob concorrência perfeita nos mercados de bens finais e de trabalho (preço do bem, P , e nível salarial, W , são dados) é maximizada com $W=P \cdot f'(L)$. Logo, o contratante assinalado estava a tentar manter como exógenas as referências salariais de modo a que baixos preços no mercado dos produtos (*apples, cherries, purple prunes, pears and grapes* – p. 383-384) sejam compensados com um nível de contratação de trabalho flexível.

*cause unrest. And by the way,' he says, 'you going to need the usual amount for a crop loan next year?'*⁶ (p. 325).

6 Uma greve ou um grito

A situação progrediu para realidades mais dramáticas. Depois de um mês de permanência num outro local de acolhimento, a Unidade Sanitária Quatro, eles precisaram partir porque a comida ficou escassa. É então que Tom acha Casey, depois da prisão deste, perto da Casa 63, onde tinham dito aos Joad que poderiam encontrar um trabalho. O ex-sacerdote Casey estava tentando começar uma greve e organizando um sindicato entre os trabalhadores para garantir um salário mínimo que permitisse as condições básicas para que trabalhadores e as famílias pudessem subsistir. Ele explicou a base da sua luta:

We come to work there. They says it's gonna be fi' cents. (...) We got there an' they says they're payin' two an' a half. A fella can't even eat on that, an' if he got kids – So we says we won't take it. So they druv us off. An' all the cops in the worl' come down on us. Now they're payin' you five. When they bust this here strike – ya think they'll pay five? (p. 423).

A situação de união sindical é sugerida na Figura 4 do Apêndice. Se Casey tivesse obtido uma organização consistente entre os trabalhadores, poderiam ser esperados níveis de salário mais altos e uma maior adesão por parte de outros trabalhadores nas reivindicações. No entanto, com a chegada de novas vagas de mão-de-obra e com a ameaça de adesão fraca da parte dos trabalhadores não sindicalizados, a greve foi reprimida violentamente. Como consequência, e de acordo com a previsão do padre Casey, os salários diminuíram a um nível abaixo do esperado.

Observações finais

No término do livro, os Joads são abandonados na estrada. Depois de alguns dias de chuva, o seu abrigo temporário não pôde resistir e eles necessitaram voltar ao caminho.

Não sabemos quando pararam. Não sabemos se encontraram trabalho para todos e se adquiriram uma casa. Só sabemos que eles nos dão uma descrição excelente de uma era notável, um olhar estimulante sobre os conceitos mais fortes da Economia (especialmente, para alguns temas de Economia do Trabalho) e, principalmente, um retrato preciso das condições de vida dos trabalhadores-migrantes.

“As Vinhas da Ira” é, seguramente, um dos livros mais comprometidos com a análise socioeconômica de uma realidade do século XX, mas também é uma das epopéias mais profundas dos tempos modernos. Até mesmo o estudante mais desatento teve opinião e, interessado, recorreu aos conceitos econômicos discutidos como instrumentos para melhor entender um tempo por vezes tão perto do nosso.

Referências bibliográficas

BELLANTE, D.; JACKSON, M. *Labor economics: choice in labor markets*. Singapore: McGraw-Hill, 1983.

ELLIOTT, R. *Labor economics: a comparative text*. London: McGraw-Hill, 1990.

(6) Segundo Temin (1994), os bancos adquiriram os créditos alheios durante a Grande Depressão devido a sua capacidade de agentes com baixos custos de intermediação. À medida que a falência de alguns bancos se processava, os bancos subsistentes elevavam os custos dos empréstimos, de modo a compensar o risco de crédito malparado.

- FIDRMUC, J. *Migration and regional adjustment to asymmetric shocks in transition economies*. Jul. 2002. (CPB Discussion Paper, n. 007).
- FISHBACK, P.; HORRACE, W.; KANTOR, S. *Do federal programs affect internal migration? The impact of New Deal expenditures on mobility during the Great Depression*. Cambridge, Mass.: National Bureau of Economic Research, May 2001. (NBER Working Paper, n. 8283).
- HARRIS, J.; TODARO, M. Migration, unemployment and development: a two sector analysis. *American Economic Review*, v. 60, n. I, p. 120-142, 1970.
- KISH-GOODLING, D. Using *the Merchant of Venice* in teaching monetary economics. *Journal of Economic Education*, v. 29 (Fall), p. 330-339, 1998.
- ROBINSON, J. (1933). *The economics of imperfect competition*. 2. ed. London: St Martin's Press, 1969.
- SRAFFA, P. The trees of the forest – a criticism. *Economic Journal*, v. 44, p. 89-93, Mar. 1930.
- STEINBECK, J. *The grapes of wrath*. New York: Penguin Books, 1976.
- TEMIN, P. *The great depression*. Cambridge, Mass.: National Bureau of Economic Research, Nov. 1994. (NBER Working Papers on Historical Factors in Long Run Growth, n. 62).

.*.***.

Para uma visão lata da celebração centenária de Steinbeck, visite o site <<http://www.steinbeck100.org/introduction.html>>, onde você pode encontrar mais comentários sobre sua vida e bibliografia.

Apêndice – Figuras

Figura 1
Estado Emissor

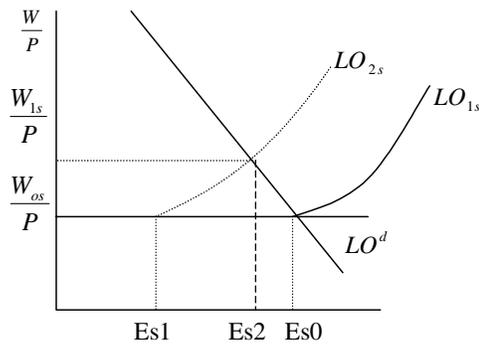
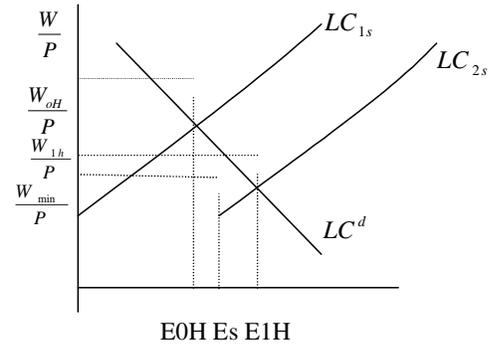


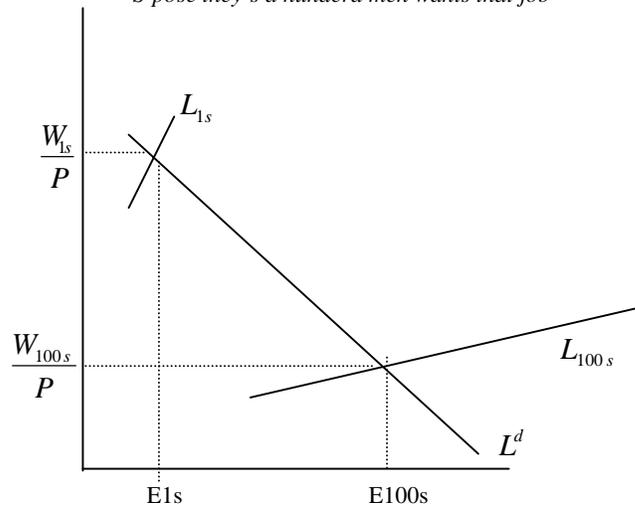
Figura 2
Estado Receptor



“... forced to an exodus in the direction of places that offered possible alternatives of working...”

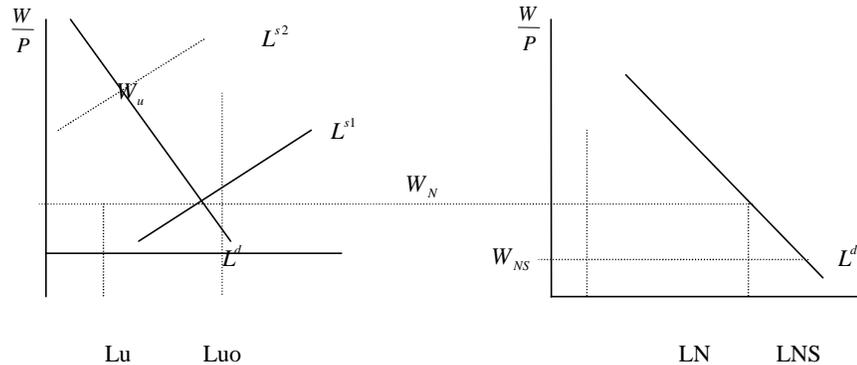
[A migração de Oklahoma (o estado emissor) para a Califórnia (o estado receptor) leva a que a oferta de trabalhadores caia de LO1s a LO2s em Oklahoma. Como resultado, a quantidade de trabalho empregada em Oklahoma cai de Es0 a Es2 e o salário real em Oklahoma sobe de W0s/P a W1s/P. Quando os trabalhadores de Oklahoma chegam à Califórnia a oferta operária sobe de LC1s para LC2s. A subida na oferta de trabalho leva à subida da quantidade de equilíbrio de E0h a E1H e o salário real cai de W0H/P a W1H/P. A migração conduz então a uma redução no defasamento entre os salários em Oklahoma e na Califórnia.]

Figura 3
Oferta de trabalho com um homem ou com cem homens
“S’pose they’s a hunderd men wants that job”



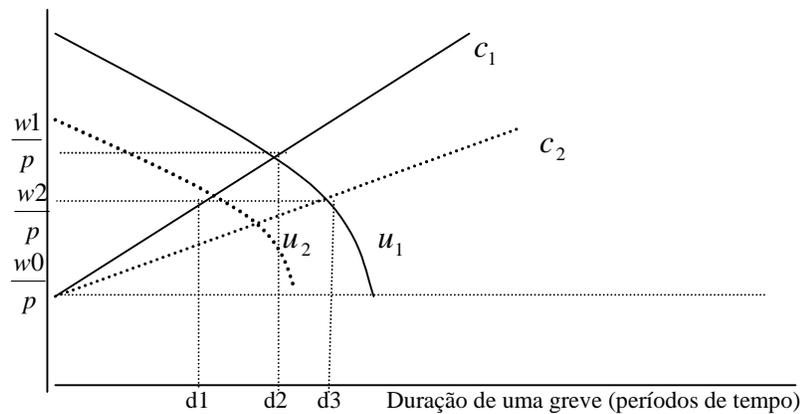
[Com só um trabalhador, a função oferta de trabalho dele (L1s) não é elástica, o que lhe permitirá receber salários mais altos. Mas com a interação de muitos homens (L100s), o trabalho deles proporciona uma função oferta que resulta da soma horizontal das funções de oferta individuais. Em consequência de uma maior oferta, diminuem salários e quantidades de emprego aumentam, *coeteris paribus*.]

Figura 4
Salários com/sem sindicatos



[Quando há uma união sindical, a função oferta de trabalho move-se para a esquerda, de L^{s1} a L^{s2} , reduzindo o emprego (L^d para L_u) e proporcionando salários crescentes aos trabalhadores que são filiados (W_N para W_u). Enquanto isso, no setor não sindicalizado (aumentado por alguns trabalhadores desempregados por causa do constrangimento da união), há trabalhadores (LNS) capazes de contratar abaixo dos salários pedidos pela união (WNS). Num modelo estático, não há nenhum desemprego necessário (Bellante; Jackson, 1983). Frequentemente, num modelo dinâmico, o mercado de trabalho está longe da intersecção das curvas da oferta e da procura. Isso enuncia o potencial para sindicatos causarem desemprego e destaca a possibilidade dos incentivos recebidos por alguns trabalhadores para quebrarem a filiação.]

Figura 5
O modelo de Hicks de negociação coletiva
"When they bust this here strikes – ya think they'll pay five?"



[De acordo com o modelo de Hicks de negociação coletiva, a curva de concessão do empregador (c_1) inclina-se positivamente, como resultado da vontade da firma em concordar com um salário mais alto que sua oferta w_0/p inicial em lugar de incorrer nos custos de uma greve de duração mais longa. A curva de resistência de união sindical (u_1) inclina-se negativamente e representa a vontade da união de aceitar um salário abaixo que seu pedido inicial em lugar de incorrer nos custos de uma greve de duração mais longa. Um empregador, para garantir w_2/p , uma mais baixa referência de salário do que o esperado equilíbrio de w_1/p , procura uma curva de concessão mais flexível (recrutando a mão-de-obra disponível, por exemplo) ou promove uma mais baixa curva de resistência de união (u_2) aumentando os custos de oportunidade da greve (Bellante; Jackson, 1983).]